



MINISTÉRIO DA SAÚDE



Avaliação da Estratégia Nacional de Luta Contra a Droga

1999 – 2004

CONTRIBUTOS ESCRITOS

[SÍNTESE]

MENSAGENS RECEBIDAS NO INQUÉRITO

Houve 1254 respostas na parte da «opinião por mensagem». Deste número teremos que descontar cerca de 50, que correspondem a repetições e inquéritos vazios, por uso inadvertido dos meios informáticos.

As respostas, de uma forma geral, são considerações opinativas, avulsas, e sem estruturação, como é natural num inquérito desta natureza. Não deixam de ser valiosas, as que têm essas características, para apurar a percepção social dos fenómenos que avaliamos.

Há, em menor número, respostas mais elaboradas, recebidas de profissionais da área e de colaboradores do IDT.

Muitas das mensagens recebidas atêm-se às questões com relevância mediática na matéria das toxicodependências, como a chamada “liberalização das drogas leves”. Nessas questões, há partidários das várias hipóteses em jogo.

São de referir várias mensagens de toxicodependentes, ex-toxicodependentes e de familiares destes. Algumas têm a marca de casos pessoais delicados e sofridos. São testemunhos importantes.

No conjunto das respostas, há duas focos de preocupação que claramente se destacam: ESCOLA e FAMÍLIA.

ESCOLA

Cerca de metade das respostas são de alunos e de professores do ensino secundário.

O sentido dessas mensagens vai na necessidade de mais informação, com objectivo de prevenir o consumo de drogas. No entanto, não é propriamente a falta de informação que estas mensagens manifestam, mas sim a esperança de que se forem divulgadas as consequências dos consumos de drogas, os colegas e alunos não se envolverão nesses comportamentos.

E esta necessidade de maior intervenção na escola manifesta uma preocupação que vários alunos testemunham, e também professores e outras pessoas com conhecimento do ambiente das escolas secundárias: o consumo de drogas, dizem, é um fenómeno que se expandiu na escola, e manifesta-se desde muito cedo, nos alunos mais novos. Muitas mensagens que recebemos provam este fenómeno.

FAMÍLIA

A este respeito, as preocupações são a dois níveis.

Na família como célula social determinante, e assim apontam que é na família (ou antes, na ruptura familiar) que se encontram as principais razões que levam à via da toxicodependência.

Na família como entidade esquecida no processo de tratamento e de reinserção, como escreveram muitos familiares de toxicodependentes, que se queixam da falta de apoio, seja psicológico ou financeiro.

Há, depois, muitas mensagens que não se enquadram em nenhum destes dois temas.

Um de críticas, outras de elogios. Permitem compor um quadro, ainda que incompleto. A maior parte das mensagens, mesmo as mais ‘pessimistas’, revelam generosidade e disposição para combater o problema da toxicodependência.

[Esta colecção de algumas respostas julgadas interessantes ou exemplares é a que de momento é possível apresentar, antes de as tratar de forma mais acabada. Nenhuma está identificada, apesar de alguns dados biográficos, mas insuficientes. Mantemos a redacção das mensagens tal qual foram recebidas, o que leva a que se encontrem muitos erros ortográficos e frases desordenadas.]

«Não vou falar da vossa Estratégia de Luta Contra a Droga em Portugal.

Quero antes referir-me à minha Estratégia de Luta Contra a Droga na minha família, que por enquanto, tem o sucesso comprovado, mas que não teve apoio económico absolutamente nenhum

Será que a vossa Tutela, sabe quanto custa suportar os encargos com as análises de pesquisa em laboratório? Por certo que não. Deve considerá-las um luxo, dado que não o Estado não comparticipa com qualquer valor. A família que se sacrifique!

Chego mesmo a duvidar da intenção preventiva dos discursos políticos: puro cinismo.»

«Caros senhores,

Depois de quase 20 anos a usar drogas e quase 15 a ajudar pessoas a não usá-las, na grande maioria das vezes com sucesso, comecei há relativamente pouco tempo a olhar para o que se passa à minha volta.

Certamente que muito se trabalhou para montar a estrutura já existente e que a Estratégia da Luta contra a Droga é um documento importante. Não duvido da intenção da maioria das pessoas envolvidas neste processo, mas com a minha experiência na prática, duvido sinceramente que se queira avaliar hoje o que não tem vindo a ser avaliado ao longo dos anos. A avaliação começa no terreno e é uma questão essencialmente ética, na minha opinião. Os técnicos e as equipas que não reflectem honesta e continuamente sobre o seu trabalho não são capazes de avaliar seja o que for. E se eles não o fazem quem poderá fazer por eles? Os senhores que vão avaliar a Estratégia Nacional da Luta contra a droga?

Entristece-me profundamente ver e enorme incompetência que existe nesta área sem que ninguém a questione. Também fiz parte dela e sei bem o que digo.

Certamente que em matéria de tratamento ou prevenção não iremos inventar muito em Portugal. Basta navegar na internet algumas horas nos sites oficiais americanos para perceber que estamos na “idade da pedra” na área da prevenção. Não seria mais simples aproveitarmos a experiência já existente?

Quem é que avalia e o que é que se avalia? Os relatórios e os dados estatísticos? Exemplos como os se seguem levantam muitas dúvidas e são elaborados pelo próprio IDT. Vejamos o primeiro: - 42% de abandonos nas comunidades terapêuticas em 2003, a maioria deles depois dos 3 meses. Alguém sabe porquê para além de ser a pedido dos utentes, expulsões ou fugas? 3 meses é já algum tempo para se trabalhar com os pacientes e custa bastante dinheiro. Será que quem avalia conhece as CT's e sabe o que isto significa em termos de competência? Já se fizeram contas sobre os custos? Alguém sabe dizer se os utentes foram para o tratamento adequado ou tanto faz? Qualquer instituição trata todo o tipo de utentes? Tanto faz a abordagem, o tempo, a formação das equipas? Quem avalia as abordagens, a formação e supervisão dos técnicos, os resultados? O IDT?

Vejamos um outro exemplo: - 84% dos utentes que saíram com alta programada das CT's licenciadas apresentam-se abstinentes das drogas que motivaram os internamentos. Deixam a heroína e consomem álcool e cannabis? Deixam a heroína e consomem cocaína? Continuam no processo de reabilitação ou

reinserção social? Alguém consegue explicar isto, sobretudo quando as próprias abordagens terapêuticas defendem na sua abordagem a abstinência de todo o tipo de drogas? Quem é que estamos a enganar?

Poderia continuar a dar exemplos mas a minha intenção não é desvalorizar o que se tem feito. Habituei-me a centrar-me nas soluções por uma questão de respeito a quem ajudo.

A minha intenção é contribuir para que se perceba melhor o que queremos avaliar. E queremos avaliar a Estratégia Nacional da Luta contra a Droga.

Acredito que o IDT tenha pessoas competentes, mas tenho muitas dúvidas sobre a capacidade para avaliarem as unidades de tratamento, para perceber que tipo de modelos de tratamento é que precisamos, para avaliar intervenções na área da exclusão social, nos duplos diagnósticos, etc. Por isso dei os 2 exemplos anteriores.

Não seria interessante convidarem pessoas experientes, mesmo que fosse necessário convidar técnicos de outros países com o distanciamento e honestidade necessárias a uma avaliação competente?

Depois de vários anos a ajudar pessoas em quem praticamente ninguém acredita, incluindo as instituições e os meus colegas ao longo do tempo, tenho muitas dúvidas e algumas certezas. Trabalhei na reabilitação de pessoas da rua com mais de 40 anos e agora trabalho com pessoas da rua com HIV/SIDA. A maior parte delas já passou e não ficou na maioria das instituições. Para as reabilitar, e tenho a convicção absoluta que é possível porque tenho vindo a ver e participar ao longo dos anos, na maioria das vezes basta respeitá-las, acreditar e não desistir. É necessário um compromisso essencialmente ético de uma equipa disposta a trabalhar e aprender. É necessário competência mas, acima de tudo, reflectir e avaliar o que se vai fazendo e agir no que for o melhor possível para ajudar as pessoas. Se é possível ajudar estes indivíduos, certamente que é possível ajudar qualquer dependente de drogas, mesmo que momentaneamente não o queiram.

Lamento profundamente que a maioria dos profissionais e dirigentes neste país não tenham este compromisso. E por isso duvido das avaliações. Não se avalia o que não se conhece ou se avalia bem o que se conhece mal. A minha sugestão é: procurem colaboradores que tenham competência e honestidade para avaliar. Se os Estados Unidos são o país mais evoluído nesta área, o Reino Unido não vai muito atrás e é mais perto. Já pensaram em convidar alguém? Espero que sim.

Pela minha parte, se um dia precisarem de uma opinião sobre a reabilitação e reinserção social de pessoas da rua estou à vossa disposição.»

«Venho insurgir-me com a falta de fiscalização nas Comunidades terapêuticas, chamando a vossa atenção para os seguintes pontos:

- Todos os utentes (ou familiares) que não são subsidiados pelo IDT pagam no mínimo 500,00 €

Pergunto-me : qual a "necessidade terapeutica" de colocar os utentes em aviltantes peditórios de rua a favor da instituição? Não é uma outra forma de marginalização? Ou será uma nova forma de encher os bolsos aos responsáveis pelas comunidades?

- Que preparação tem um ex-toxicodependente para ser responsável por uma comunidade terapêutica? O seu passado dá-lhe informação, formação , sensibilidade ou cultura para ser responsável por 30 ou 40 pessoas? Estas comunidades estão entregues a ignorantes e os doentes não têm qualquer apoio técnico ou

clínico credível.

- Alcoolismo é dependência e não tem nem metade dos apoios que os outros dependentes têm. Os Centros de Alcolologia têm fracassado porque são meros centros de desintoxicação, não tendo projectos de continuidade nem reinserção social. Esquecendo-se, paradoxalmente que alcoolismo é doença crónica.

Por último, uma menção de louvor ao "Projecto Porto Feliz", porque tem transformado supostas utopias em REALIDADES FELIZES.»

«A ideia do toxicodependente ainda se encontra muito estigmatizada perante a população. A maior parte das pessoas tem dificuldade em ver o toxicodependente como um doente.

o surgimento das novas drogas sintéticas (ecstasy, speed, etc..) oculta em si, a imagem do indivíduo fisicamente decadente, por isso, o seu consumo é mais interessante e conveniente e provavelmente mais barato.

Faltam respostas para esse tipo de consumidores, geralmente bastante jovens e ligados a uma cultura musical específica.

O CAT geralmente está mais dirigido para consumidores de heroína ou cocaína. Por isso, pergunto onde é que os jovens e familiares encontram ajuda para os consumos de haxixe, ecstacy e outras substâncias deste género.

Obrigado»

«Em minha opinião em Portugal não tem havido nenhuma estratégia concertada na luta contra a droga (ex. entre ministério de educação, polícia, autarquias, comunidade civil, etc.). A luta contra a droga deve começar o mais cedo possível nos jardins de infância e continuando no resto da escolaridade, pelo menos até meio da adolescência; tendo em conta que muitos pais (talvez a maioria) não tem capacidade ou tempo para o fazer.

No meu caso estudei na Escola Alemã de Lisboa, onde como crianças (11, 12 anos) na disciplina de alemão lemos um romance destinado a jovens, no qual as drogas tinham o protagonismo para o desenrolar e no desfecho da história. Nós como alunos é que fomos tirando as nossas conclusões, formando a nossa opinião e fazendo as nossas escolhas. Enquanto que os meus amigos das escolas portuguesas liam livros clássicos, enfadonhos para a idade deles. O que hoje ainda deve acontecer nos liceus estatais. Conclusão: não conheço nenhum meu ex-colega da escola alemã que tenha enveredado pelo caminho das drogas, mas meus amigos de bairro (Miraflores) da minha geração conheço demasiados e alguns chegaram a morrer. Não tenho conhecimento de alterações substanciais nos programas escolares que incluam um combate à droga inteligente e didático. Antes pelo contrário, como se pode combater o consumo de droga se ela existe nas escolas, à porta das escolas e quando há alunos que são vendedores de droga, tanto na escola como fora. Em minha opinião nunca foram tomadas medidas, nem anteriormente, nem nos tempos mais recentes para combater o comércio. Antes pelo contrário. Vejo cada vez mais descontração nos pequenos/médios traficantes. Escandaloso é: como pode

haver uma estratégia de luta contra a droga se o comércio é "livre". Todas as crianças de cada rua , bairro , etc. , sabem perfeitamente quem vende e onde se vende droga. Posso afirmá-lo , não só pelo que me contam , como também por conhecimento próprio. No meu caso , neste bairro e circundantes , toda a gente sabe quem consome , quem vende pouco , quem revende(todo tipo de drogas) ,onde se vende(locais públicos) etc. , alguns são os mesmos há mais de 20 anos . "Toda" a gente sabe inclusivamente a polícia e quem não sabe basta perguntar . Por estes casos que há em todos os pontos do país , sem contar com os super-mercados da droga , a que se vende dentro das grandes empresas , em alguns estabelecimentos nortunos , etc., que continuam a existir e a aumentar com o consentimento de todos , não posso afirmar que tenha havido , na minha opinião, melhorias com a implementação da Estratégia de Luta Contra a Droga.»

«Sou consumidor de drogas leves desde os 14 anos e álcool em quantidades elevadas tb desde muito cedo. Ao princípio sentia um prazer que foi desaparecendo com o tempo, embora consumindo cada vez mais esse tipo de substâncias. Apesar da clara consciência que eu tinha da pior situação que são as drogas duras, com exemplos de amigos(desde a dependência que os levava a extremos à morte por diversas causas relacionadas sempre com o consumo dessas drogas), acabei por,experimentar, querendo ficar apenas pela 1ª e unica vez, mas tal situação não se tem vindo a verificar.

Penso que a prevenção ao consumo de drogas tem de vir de cada um, pois hoje em dia todos, mesmo as crianças, sabemos os problemas que a droga trás. O prazer que elas podem dar não é necessário nem compensador quando para isso temos de estragar a nossa vida.»

«Qualquer plano de combate às drogas só poderá surtir efeito de houver uma planificação a médio/longo prazo e se este se fizer em várias "frentes". Como assistimos uma partidirização constante dos organismos responsáveis, em que as pessoas são escolhidas/ indicadas pela cor política e não pela competência, torna-se muito difícil (ou impossível) elaborar planos eficazes e credivéis. Basta verificar ou que nestes últimos anos aconteceu ao nível da prevenção primária em meio escolar... não existiu, ou melhor, deixou de existir por causa de alguns caprichos de alguns políticos. O que acontece agora!!! Começa-se tudo de novo! Com largos investimentos e não aproveitando as "mais valias" daqueles mostraam alguma eficácia!!»

«Enquanto a sociedade portuguesa se encontrar subjacente aos partidos políticos e não se separar o técnico do político, não haverá um verdadeiro combate à toxicodependência nem apostas credivéis na prevenção (note-se que a prevenção é melhor e mais eficaz forma de combater um problema, mas que só produz resultados a longo prazo)!»

«Penso que as Unidades de Prevenção são um gasto escusado. Basta uma equipa por região, com mobilidade, bem apetrechada tecnicamente, com grande formação (não é o que acontece hoje) que possa

dar apoio técnico às Câmaras, no planeamento, execução e avaliação de projectos de prevenção primária das toxicodependências. Os PMP's devem continuar e serem reforçados mas sustentados teoricamente e tecnicamente e devem se dirigir para contextos desqualificados. Devem ser projectos de 3 anos e que criem verdadeiras alternativas aos processos de socialização que constituem factores de risco.»

«na minha opiniao, as drogas nunca vão acabar, pois existe cada vez mais jovens a consumila, tambem porque tem conecimento de consumidores e traficantes não tem coragem para os denunciar, talvez pelos laços de amizade(o que acontece no meu caso, conheço consumidores e um traficante, por serem meus amigos não tenho coragem de os denunciar e pelo facto deles nunca me terem forçado a expremmentar, pelo contrario sempre disseram para eu não expremmentar, dessa forma "nunca" irei denunciálos mas sim aconselhalos a deixar esses vicios). o melhor que há a fazer quando um amigo é consumidor ou traficante, e perguntarmos se eles nos arranjam uma "beca", desse forma poderemos saber se eles tem consciência do que estão a fazer, se a resposta for sim tetar afastarnos e dizer que era so na brincadeira, se a resposta for não conversar com eles e tentalo ajudar. se bem que eu seja a resposta sim ou nao tento ajudar semre. mas é muito dificil pois eles creem que a melhor coisa que eles tem na vida é a droga! é pena nos dias de hoje os jovens pensarem assim...»

«Maior responsabilização pessoal de nós próprio sobre a perigosidade das substâncias quer sejam ilícitas quer sejam lícitas.»

«Opinião – A Grande Falta de Informação

Talvez não tenha uma opinião relevante, uma vez que, para além de ter muito pouco contacto com as drogas pesadas, desconheci por completo as estatísticas desse mundo!

No entanto, julgo que a descrição daquilo que sinto possa representar uma parte dos jovens.

Tendo em conta que a curiosidade é, sem dúvida, um factor importante que pode levar ao consumo de drogas, considero que a falta de informação clara e concisa no que diz respeito às drogas é crucial. Alguns jovens estão interessados em conhecer mais detalhadamente o risco que correm se iniciarem o seu consumo. Saber o risco, conseguir pesar os “prós” e os contras, para poder tomar uma decisão autónoma, e não em função do que nos é dito é crucial. Uma decisão tomada com base no desconhecimento será sempre uma decisão menos sólida do que aquela tomada com base no conhecimento “total”.

Acho importante que se informe acerca de todos os detalhes que se passam, a nível físico e psicológico quando se passa por uma experiência deste género. E até mesmo quando já se é toxicodependente.

Por enquanto as drogas pesadas são ainda um tabu! Isto é, para aqueles que ainda não experimentaram, a divulgação é praticamente nula, provocando o efeito de “fruto proibido” o que é extremamente contraproducente.

Penso que seria benéfico actuar pela prevenção informativa, junto dos mais jovens, para eliminar o espaço para dúvidas. Pelo que sei, são poucos os documentos literários que descrevem exaustivamente as alterações sofridas através do consumo das drogas pesadas, e a procura talvez exista mais do que parece.

Acho que desta forma seria possível evitar pelo menos que um grupo, que julgo não ser restrito, da juventude actual sentisse a curiosidade e consumisse drogas em função dessa curiosidade, para matar as suas dúvidas.

Espero que este documento seja um contributo benéfico ou pelo menos esclarecedor e representativo.»

«Ninguém se recupera com metadona e drogar-se com metadona também não é solução nenhuma, eles consomem outras drogas ao mesmo tempo que a metadona, já a vendem nas ruas, não diminui a criminalidade e só contribui para eles andarem mais drogados morrerem mais rápido e gastar dinheiro ao Estado, ou seja dos contribuintes, quer no gasto da metadona em si, como também nos profissionais que trabalham nos locais onde ela é distribuída. Depois são as outras supostas "curas" com medicação. Eles gostam muito da "drunfaria", junto com álcool, o efeito é parecido. Gostam principalmente de serenais, porque podem roubar à vontade, razão pela qual serenais no calão deles é ladrão. Na minha opinião não têm a mais pequena ideia da realidade, deveriam antes de fazer esse tipo de coisas conviverem com alguns tóxicos uns mesitos.»

«Oi!Para ser sincera nem sei por onde começar!

Bem posso começar por dizer que até eu atingir cerca de 11/12 anos era totalmente contra as drogas(talvez isso se deve-se ao facto de os meus pais nessa altura serem toxicodependentes)!

Quando tinha cerca de 11/12 anos comecei a fumar os meus primeiros xarros, relembro-me muito bem,foi na escola com umas amigas +novas do k eu (mas nessa altura e ainda hoje raramente se ve people na eskola a fumar xarros, a nao ser eu,mas tou smpe refundida. Nao sei o k nessa altura me passou pela cabeça para começar a fumar xarros,o obvio foi k eu e uma amiga minha adoramos,e desde ai nunca mais nos separamos ou deixamos de fumar porros!Os anos foram passando e eu e a minha amiga continuavamos a fumar ate k quando atingi-mos cerca de 14/15anos começamos a fazer "biskates" e a "desenraskar" o pessoal k keria e nao tinha!Começamos a vender,mas n era pk nos fazia falta dinheiro,mas apenas plo gozo e ao fim akabo nao nos kustava nada.Atravez disso conhecemos inumeras pessoas desde grandes dillers a grandes dependentes kimicos... Descobrimos o mundo do Trance e tb as outras drogas, tais como os acidos, as pastilhas, LSD, MD,kogumelos,Coca,...que sao extremamente facéis de obter!!Apenas fiquei na fase de experimentar...era apenas akela kuriosidade plo estado de

"espírito" k poderia vir a alkansar!!Entretanto no meio de estas experiencias a situaçao familia nunca tinha sido boa e nessa altura ainda mt menos,n digo k os problemas em kasa sejam as principais kausas do uso de drogas, mas de facto k ajudam a kontribuir.As vezes sao certas açoes em kasa k ajudam a contribuir para tal! Desde k "invadi" o mundo das drogas, k nao tenho sentido alguma keda de produto ou falta, vejo na televisao k sao apreendidos kilos e kilos...mas komo isso e taum poko signifkativo para os grandes trafikantes k o maximo k pode akontecer e xegar em menor kauntidade...mas xegam ka smpre! Na minha opiniao nunca haverá um kontrole sobre a drogas, ker sejam legalizadas as leves ou nao sejam...é um problema sem possivel resoluçao podendo existir inumeras hipoteses!

Bem k eu gostaria de kontinuar...mas komo nao tenho mais tempo pa escrever...espero k possa ter ajudado em algo! (o k eu duvido) ja agora peço desculpas plos erros ortografikos e se por vezes nao fui klara!! se precisarem de algo e so me mandarem um email!!! fikem [[]] espero n ter sido mt xata...»

«Ola. Eu conheço pessoas que andam a fumar erva, e cada vez há mais pessoal a fumar; dizem que fumam porque parece que andam nas nuvens, sem problemas... e dizem uma coisa que para mim é mais grave, é que fumar erva prejudica menos a saúde que o tabaco..! Eu acho que deveria haver mais controlo nas escolas, pois não há controlo nenhum...»

«Exmos(as) Sr(as),.

Venho por este meio enviar a minha opinião relativa à forma como tem sido implementada a Estratégia de Luta Contra a Droga em Portugal.

A minha opinião traduz a experiência de uma ex-técnica de um dos Projectos de prevenção primária do IDT, mas também de uma filha de um toxicodependente, e que por isso mesmo tenho partilho de duas visões particulares que gostaria de vos fazer chegar.

- No meu entender existiram falhas graves ao nível da inexistência de formação aos técnicos de terreno, o que se traduz por uma falta de reconhecimento aos técnicos desta área.
- A Estratégia e os projectos que nela se desenvolveram promoveram a precariedade do vínculo dos técnicos, uma vez que as entidades promotoras se viram "obrigadas", pela falta de recursos financeiros, a recorrer ao vínculo de recibo verde que o próprio estado assim estimula. E para além disso, os técnicos com experiência nesta área são desaproveitados pelo IDT após o *terminus* dos Projectos.
- Em termos metodológicos entendo que a duração de dois/três anos de alguns projectos foi muito insuficiente dadas as características deste tipo de intervenção, o que reduz as potencialidades dos Projectos e resultados alcançados. Os Projectos não devem ser vistos como experiências pontuais, mas de forma a serem sustentados e avaliados – mesmo após a sua concretização.
- O tempo de espera entre a avaliação dos Projectos e a sua continuidade (quando é possível – ex. equipas de rua ou projecto de prevenção) toma-se um impedimento à intervenção, perdem-se

recursos humanos e os percursos dos utentes. Este impasse traz danos ao nível básico da intervenção.

- Particularmente no que diz respeito aos Planos Municipais de Prevenção – a ideia inicial parecia interessante – aproximar as autarquias de uma área que desde sempre se afastaram – mas na prática a partilha técnica é desigual entre entidades promotoras e autarquias, assim como financeiramente a participação das autarquias é irrisória ou impossível dada a debilidade dos seus orçamentos. Assisto assim à situação em que as entidades promotoras suportam aquilo que sempre suportaram, mesmo quando não foi previsto em candidatura, mas por necessidade lá se vai suportando. Porque nestas entidades trabalham pessoas que investem nesta área... e o custo acaba por ser, por vezes, muito elevado para as próprias instituições.
- Embora reconheça o aumento da intervenção ao nível da prevenção primária das toxicodependências, ao longo deste 4 anos, considero que ainda é insuficiente. A experiência deve ser aproveitada no sentido de se formular uma estratégia nacional mais coerente com as necessidades reais da prevenção no país, com que os técnicos tiveram oportunidade de se confrontaram. A intervenção coordenada entre diferentes eixos de intervenção (crianças/jovens/famílias) deverá ser melhorada, tendo em atenção que as dificuldades de intervenção sentidas. Estes 4 anos foram bons e suficientes para exercitar, experimentar, reflectir.

Penso que está na hora de organizar e agir!

Obrigada.»

«Tenho familiares e amigos toxicodependentes.Fazen-nos a vida num inferno,por mais tentativas que se faça para os ajudar somos sempre enganados. As clinicas que supostamente deveriam ajudar só existem para extorquir(digo extorquir)dinheiro porque não querem saber de mais nada.(digo com conhecimento de causa).Praticamente não existe combate,existe sim muita gente que vive a custa desta desgraça e quer que ela se mantenha.Como é possível não acabar com a droga nas cadeias?Porque é que a gente que defende que deve haver troca de seringas e salas para se injectarem nas cadeias ou noutra sítio?Porque não se obriga os tox. a tratarem-se nas cadeias?Pelo menos sei que os Americanos tem um hospital onde internam os tuberculosos que não cumprem o tratamento, e obrigam a tratar-se. Os membros do IDT sabem o que e ter um toxicodependente?Sabem o que e chegar a casa e ter tudo as avesas por causa de roubos ?O principal meio para diminuir a toxicodependencia é o combate sem tréguas ao tráfico e ao consumo,agravando as penas e obrigando pelo menos aqueles que são presos a tratarem-se. Grande parte do dinheiro que é para a prevenção é simplesmente deitado a rua , senão veja-se os resultados.»

«Moro relativamente perto do Casal Ventoso. E tenho pena que não tenha sido feito, pela CML e as autoridades, um esforço maior para manter a zona, que durante anos tão massacrada foi, livre de drogas. Logo que foi eleito o Dr. Santana Lopes notou-se um abandono total da vigilância, que permitiu todo um comércio, agora às claras, na Meia Laranja.

Com droga tão acessível como impedir que o seu consumo prolifere?

Durante anos vi jovens passaram, rápidos, em direcção ao Casal Ventoso. Assisti à sua degradação progressiva. Mostrei ao meu filho desde pequenino. Conto aos meus alunos e faco com eles frequentemente sobre o consumo (e se precisam, meninos que são oriundos de famílias tão complicadas e já com tantos problemas desse género). Eu, como Mãe, tive sorte. Tanta não terão todos eles, concerteza.»

«nós drogamo -nos porque queremos; esta é a única resposta que interessa e a única que vocês não querem ouvir; respondi ao questionário que é de uma pobreza constrangedora: há quantos anos fazem essas perguntas? a que tipo de respostas elas tem chegado? porque é que partem tão claramente com ideias pré-definidas, com respostas pré-definidas, sem o espaço em branco para outra ideia? de que vos serve saber se há mais ou menos crime, se há mais ou menos consumo? percebo que depois da descriminação seja importante relatar e definir em números, fazer esse tipo de estatísticas, porque afinal de contas estamos um pouco mais livres para exprimir a nossa posição e é sempre de ter em conta quantos somos não é?, mas apesar de agora poderem dizer estatisticamente que no ano tal o consumo subiu mas no ano seguinte ele desceu, o que é que essas variações poderão dizer mais do que a certeza: o consumo mantém-se. sobe e desce e mantém-se. há quantos anos é assim? e há quantos anos não respondem com pobreza, degradação social física e mental, falta de escolaridade, problemas familiares e influência de "amigos"(há e é sempre um "amigo" que batiza alguém, não existe outra forma)... todas estas e outras respostas são verdade mas não são o cerne da questão: se resolvessem todas elas, se não houvesse pobreza nem "amigos", continuaria a ser uma realidade o consumo. nós drogamo -nos porque queremos, e questionamo -nos porque nos impedem de o fazer e nos tomam com criminosos e doentes. soluções? temos mil, precisaríamos de outras tantas, tantas quantos o número de toxicodependentes, esses mesmo, os que sofrem desse mal e se arruinam nos abismos profundos das drogas. um doente, salvo a excepção que acredito que possa haver, mas um doente que saiba que o é se tiver a oportunidade ele cura-se e é o dever de todos ajudar os que sofrem de algum mal, a começar pelas pessoas mais próximas mas fundamentalmente pelas desconhecidas. assim, os centros de apoio ao toxicodependente, as equipas de rua e todos e mais algum projecto de apoio e cuidado a esses doentes é vital, dado o inegável volume de casos, uns bastante mais visíveis do que outros. a situação tende a aumentar, a meu ver, pelo que essa preocupação pelos que já padecem apesar de importantíssima só por si não parará o fluxo, pelo qual também assume particular importância a prevenção, através da informação e de um ensinamento prático para os jovens, na escola sim,(civilidade por exemplo, que abrangesse as regras da vida, da cidadania à sexualidade passando obviamente pelo uso de estupefacientes, não apenas drogas, mas remedios correntes e alcool e tabaco) e uma tentativa de mudança de mentalidade em geral, nos grandes meios de informação (televisão e jornais, para chegar às bases) que agora fazem tudo ao contrário e continuam a denegrir constantemente o já negro panorama... (já disse muito e muito mais havia. receio estar a perder tempo escrevendo nesta janelinha. vai o meu mail, se a conversa for pra continuar...»

«Relativamente aos programas de prevenção primária, porque é aí que deve haver o maior investimento, é necessário proporcionar aos técnicos que se encontram no terreno uma maior segurança no que diz respeito ao posto de trabalho. No fundo, deixar de passar a «mensagem» de que tudo é feito ao sabor de políticas sem consequências, ou seja, mudam as pessoas... mudam as estratégias.

No que diz respeito às campanhas de informação geral. Parece que muitas das vezes, as campanhas são elaboradas sem pensar no público-alvo. Campanhas demasiado elaboradas que acabam por atingir aqueles, que pela sua condição socio-cultural já têm um maior acesso à informação, deixando de fora todos os que por terem menos recursos e competências para procurar a informação "vêm-se privados" da compreensão da única informação a que têm acesso.»

«Constato que na última dezena de anos, na frequência onde vivia, o consumo de drogas como Marijuana e Haxixe aumentou. Não me parece que este aumento tenha sido alarmante. Penso ainda que no respeito ao consumo deste tipo de drogas, em muitas das situações verificava-se um consumo em "clã", i.e., em muitos dos casos seria uma questão de estilo de vida ou mesmo modas.

Contudo, no que respeita ao consumo de drogas como Heroína e Cocaína, o cenário já é bastante diferente; o número de consumidores aumentou claramente, aliás observação visível por qualquer cidadão e facilmente constatável por qualquer um. Neste caso, esta dependência é associada a exclusão social, criminalidade e outras reacções sociais extremas. E do senso comum... "drogados" significa "o adiamento inevitável". Ou acabam em Custóias (centro prisional) ou acabam no Cemitério do Bonfim.

Outra ideia que queria deixar patente é o facto de ser igualmente do senso comum, que o clima de insegurança reveste todos os 365 dias do ano e que o aumento da pequena criminalidade não trouxe apenas um aumento quantitativo, mas preocupantemente, um aumento na violência associada.»

«Ao nível da prevenção das drogas e da toxicod dependência em Portugal, penso que se tem gasto muito tempo na Prevenção terciária, em campanhas de informação e sensibilização sobre o efeito depressor e/ou estimulante que as drogas têm, e está-se a esquecer de alguns dados fundamentais para o progresso no combate às drogas, que é a prevenção no terreno, em contexto educativo, por exemplo, a começar pelas escolas do ensino básico. Mas sensibilizar não é dar pacotes de desdobráveis contendo os efeitos neuromoduladores das substâncias psicoactivas, mas sim ir junto da população e fazer programas de prevenção contendo acções preventivas com intercâmbio entre as várias instituições sociais e/ou de socialização (escola/autarquia/igreja/família/ipss). Deste modo pretende-se envolver todos os agentes de socialização, permitindo assim que haja por parte da comunidade uma envolvimento mais activa e interactiva. No que concerne ao meu comentário, este é dirigido em primeiro lugar à região norte do País, principalmente os Distritos de Vila Real e Bragança. No entanto, tenho conhecimento que na grande Lisboa e no grande Porto a prevenção tem sido feita com grande sucesso, em parte pelo profissionalismo dos técnicos envolvidos, e pelo interesse das instituições envolvidas. A todos um forte bem hajam e continuem a apostar nestes dois distritos, cujo flagelo da droga está ainda pouco explorado.»

«Os jovens precisam e merecem factos. Programas de prevenção já não tem validade--precisamos de programas informativos, sem mentiras e especialmente informativos no sentido do que, se realmente queres experimentar, fazes em segurança, sabendo como e todos os riscos possíveis implicados. Equipas de rua, trabalhos em escolas...podem ter sucesso mas é preciso continuidade nos projectos e alternativas também tem que ser apresentadas...desportos radicais, música, até arte...tudo que faz vibrar um jovem hoje em dia. UMA VIDA SAUDAVEL.

JÁ TIVE MUITO EXPERIÊNCIAS COM DROGAS, E COM TODA SINCERIDADE, NÃO TROCAVA ESTA ÉPOCA DE MINHA VIDA PARA NADA, MAS TAMBÉM NUNCA IA VOLTAR A FAZER. FOI SEMPRE EM SEGURANÇA, COM BONS AMIGOS E SEM PRESSÃO DOS PAIS. HOJE EM DIA, JA SOU MÃE, ESTOU A FAZER UM DOUTORAMENTO, VIVE NO CAMPO E TENHO UMA VIDA MUITA SAUDAVEL. sei que na altura das drogas na minha vida, ninguém podia ter impedido o que aconteceu. mas sempre tive acesso a informações factuais, veredicas que ajudou-me a experimentar com drogas em segurança e com prazer.(isto foi na Alemanha e Inglaterra).

Obrigada pela atenção!»

«Quem se mete com as drogas deve ser tratado o mais rapidamente possível, a sua penalização/castigo não o leva a nada..., é simplesmente uma pessoa doente, mentalmente fraca ou com muitos problemas. Devem ser acompanhados por profissionais não só na cura mas tb. para os integrar de novo na sociedade, a família embora essencial durante todo o processo, por vezes já fez muito, mas ela própria sofre e já nem tem forças para ela mesma, e ainda menos para ajudar o "drogado/a" Existem bons centros de tratamento, sem dúvida, mas são muito poucos e na maior parte das vezes acessíveis só por conhecimentos de alguém de dentro das Instituições.... o que é triste, muito triste....»

«Eu, como jovem de 21 anos, posso sinceramente dizer que acho que as medidas tomadas pela Estratégia da Luta contra a Droga em Portugal foram, para além de ineficazes, quase não notadas. Eu penso ser das poucas das pessoas do meu grupo de amigos e conhecidos que nunca fumou ou experimentou qualquer tipo de droga leve ou pesada. Hoje em dia é tão banal, tão frequente, principalmente em relação às drogas leves, que se vê jovens, bem mais novos que eu, a fazê-lo em qualquer lado, às claras. E não vejo qualquer medo ou receio na atitude deles. Fazem-no como se fosse legal, como se fosse normal. Acho que o facto das drogas leves serem ilegais já não assusta ninguém. Eu sou completamente contra o uso e consumo de qualquer tipo de droga e assusta-me a forma como hoje em dia elas chegam a praticamente qualquer pessoa que a queira obter. E em como isso acontece sem que ninguém, seja consumidor, seja vendedor, seja castigado. Se eu sei de inúmeros casos, não acredito que as autoridades não o saibam, não acredito que as autoridades desconheçam os sítios onde isso acontece todos os dias. E se as autoridades fizessem constantes "visitas" a esses sítios, talvez deixassem de haver parques, jardins, praças que passam a ser conhecidos por serem autênticos antros de fumadores de drogas leves. E onde crianças já não brincam, já ninguém lá vai porque sabe o que encontra lá. Todas as cidades do país conhecem esse

fenómeno, que só cresce de dia para dia.

Para não me alongar muito mais, queria resumir a ideia que me levou a dar aqui a minha opinião. Não basta colocar cartazes e distribuir panfletos. Não basta dar palestras. As situações que eu conheço não derivam da falta de informação, se bem que muitos deles acham que fumar drogas leves não faz tão mal como o tabaco e inclusivé deixaram de fumar tabaco para passar a fumar só droga. Mas, apesar disso, derivam sobretudo de um acesso incrivelmente fácil a essas drogas. E enquanto se passar a ideia que fumar droga é normal porque toda a gente o faz, esta situação só vai crescer e piorar, principalmente entre adolescentes influenciáveis. Se no meus 14 anos toda a gente tinha curiosidade em experimentar um cigarro, hoje isso alterou-se muito. Agora fuma-se aos 12 e experimenta-se droga aos 14. E é uma verdadeira tristeza. Eu tenho 21 e assusta-me se daqui a uns anos tiver filhos, que eles mais tarde estejam tão vulneráveis a este mal. Actuem junto das pessoas, alertem as autoridades locais, chamem a atenção dos média... Mas não deixem isto ficar assim.»

«cumprimenytos a todos! eu tenho uma opinião um pouco radical acerca deste tema, talvez porque ja passei por ele, consumi drogas durante cerca de 12 anos, estou limpo á 6.tenho a minha vida toda reconstruida, casei, tenho o meu trabalho ando a tirar o 12º ano, deixei de fumar tabaco quando deixei as drogas (heroína/cocaina) e pratico caça submarina, portanto hoje considero-me uma pessoa feliz. penso que o governo anterior quando legalizou o consumo do axixe/canabis cometeu um grande erro, hoje assistimos a um conssumo nunca antes visto nas escolas, e isto nao é so porque dantes tudo estava escondido e eu sei do que estou a falar, hoje assistimos a este consumo por todo o lado e esta a aumentar e muito. mas por outro lado peso que o consumo da heroína estabilizou , pelo menos aparentemente, por outro lado o ext asy esta aí em força, a prevenção nao chega assim como por exemplo a prevenção rodoviaria, isto esta no nosso sangue portugues, abuzamos da nossa liberdade desrespeitandonos a nos propios e tambem os outros. ja me têm perguntado:"entao o que é que podemos fazer ?" e eu digo acabar com o problema, IMPOSSIVEL mas podemos reduzir bastante o problema APOSTEM NO TRATAMENTO, NAO DISCRIMINEM PORQUE ISTO TOCANOS A TODOS, INSENTIVEM AINDA MAIS AO EMPREGO DE EIS TOXICODEPENDENTES PORQUE DEPOIS DE RECUPERADOS SOMOS PESSOAS MUITO PRODUTIVAS eu sei do que falo.

BEM!!

AS COISAS ESTAO PIORES E SE NAO PÔEM TRAVAO, AQUELES QUE HOJE ESTAO A CONSUMIR AXIXE AMANHAM MUITOS ESTARÃO AGARRADOS Á HEROINA EXTASY ETC. DIGAM NAO Á LEGALIZAÇÃO, O DITADO "O PROIBIDO É O MAIS APETECIDO" NÃO SE APLICA ÁS DROGAS.

MUITO BOA NOITE POR FAVOR MUDEM ISTO NAO SEJAM PULITICOS SELAM HOMENS E MULHERES DE ACCÃO»

«Na minha optica de profissional, ligado directamente ao fenomeno da toxicodependência quer no consumo quer no trafico, a opção de desciriminalizar o consumo e/ou a posse de estupefaciente até uma

certa quantidade, veio permitir o aumento do tráfico, o aumento do consumo principalmente de Haxixe, até nas escolas, uma vez que os vendedores, basta andarem por exemplo com menos de 1 grama e irem vendendo, para não serem criminalizados, obrigando a uma ocupação muito intensa das policias para provarem o tráfico. Na minha opinião a descriminalização, foi só uma forma de libertar os tribunais, e de os filhos dos VIP's e deles mesmos poderem consumir á vontade, sem terem responsabilidades criminais.»

«eu acho que o consumo de drogas esta cada vez maior porque os pais não tem muito controlo sobre os filhos e cada vez ha mais marginalidade.

para combater isso acho que devia haver debates na escola e muita informação e para alem disso deviam investir em clinicas de recuperação e as multas por serem apanhados com droga(toxicodependentes),devia ser irem para essas clinicas para se recuperarem e trabalhar em organizações voluntarias.depois então podiam ser reenserdos na sociedade.»

«eu tenho apenas 13 anos e acho que o conhecimento que tenho sobre as drogas é suficientemente bom para que eu não entre nesse tipo de vício. tenho pena que não se faça uma maior prevenção para as drogas principalmente nos jovens. Eu moro em Vila Real, só tenho 13 anos e sei perfeitamente (como toda a gente sabe) onde se pode comprar droga. eu própria já vi a vender droga. A PSP e a GNR só não apanham os traficantes porque não querem. Porque toda a gente sabe onde e que ela passa e onde é consumida. Pior ainda, é saber que nas escolas da minha cidade, jovens da minha idade consomem droga. Às vezes penso que esta gente tem os olhos tapados porque só não fazem mesmo nada porque NÃO QUEREM!!! Eu já vi a minha frente na minha escola um rapaz da minha idade a fumar ganza! A PSP sabe que isto acontece e não faz NADA! Como é que isto é possível? Às vezes penso que esta gente em vez de evoluir, ainda anda ao contrário. Porque em quanto não começarem a morrer jovens em grande número ninguem vai fazer nada! E depois? Quem é que vai recuperar as vidas dos que morreram? Sinceramente não percebo e cada dia me sinto mais revoltada por isto!

Em anexo envio um poema que eu escrevi sobre as Drogas. Espero que façam alguma coisa acerca das drogas principiamente nas escolas!»

«Não pretendo dar uma opinião sobre a Estratégia de Luta contra a Droga em Portugal porque não a conheço. Prtendo dar um testemunho do qual podem ser tiradas muitas ilações.

Tenho um filho de 19 anos viciado em axixe. Ganhou uma psicose tóxica, caracterizada por manias de perseguição com alucinações da mais diversa natureza e comportamentos violentos para com o pai (que chegou à intervenção da PSP) que pode evoluir para a esquizofrenia e está medicado psiquiatricamente com risperdal. Hoje os pais sabem do seu percurso de toxicoddependência porque o filho mantém com os pais um diálogo aberto.

O primeiro sintoma de alerta foi o declínio do rendimento escolar depois associado a queixas de

impotência sexual confessadas pelo filho. Este estabelece uma relação de causa e efeito a partir do momento em que passou a «experimental»(?) ecstasy. Os pais passaram a andar com o filho de psicólogo em psicólogo desde que este completou 15 anos até que, com 18 anos, uma psicóloga o encaminhou para um psiquiatra porque o quadro começava a apresentar um padrão de psicose numa perspectiva de despiste de uma situação de esquizofrenia declarada.

Teve que completar o 9.º ano de escolaridade em 3 anos, depois matriculou-se no 10.º ano vindo a perder por faltas no início (Janeiro) do 2.º período passando o resto do ano numa vida desregrada entre o sono e a vigília quando se agravou dramaticamente o recorte da sua reacção comportamental.

Hoje está matriculado numa Escola Profissional. Está encantado com a saída profissional que o curso confere. Mas está muito apreensivo com o seu desempenho escolar porque confessa que tem a capacidade de aprender embotada para as disciplinas curriculares novas.

A sua história de toxicodependência começou quando tinha apenas 13 anos na passagem do 6.º para o 7.º ano e conseqüente mudança de escola, porque - diz ele - precisava de se integrar no novo círculo de amizades e recusava-se a ser rotulado de «Betinho». Nesta altura os pais encontravam-se ainda a «leste do Paraíso» porque a formidável preparação académica que ele trazia dos anos anteriores (onde tinha sido um aluno simplesmente brilhante) ainda ia dando para disfarçar o declínio do rendimento escolar.

Quando este declínio começou a ser notório e foram confessadas as verdadeiras causas o pai teve a ingenuidade de lhe propôr um «contrato sócio-educativo» (que segue anexo). Sem qualquer resultado prático.»

«Boa tarde. Eu tenho 32 anos e consumi haxixe entre os 16 anos e os 23 anos. Há cerca de 5 anos que tomo medicamentos para a esquizofrenia e o meu psiquiatra diz que a minha doença se agravou devido ao consumo de drogas de rua. Hoje estou medicado e não toco em drogas de rua há muito. É evidente que me arrependo de as ter consumido... Hoje faço parte da pequena percentagem dos que já consumiram drogas e que as deixaram de uma vez por todas e que tencionam nunca mais as consumir... Mas passemos á razão de vos estar a escrever esta mensagem: É que quando eu oiço falar de despenalizar o consumo de drogas leves eu temo muito pelos outros que são mais fracos de espírito que eu e que facilmente caiem em tentação por confundirem a despenalização do consumo das drogas com a inofensividade das mesmas. Não é verdade: "Eu já consumi drogas leves e sei que são terríveis para a memória, a atenção, o nível de inteligência e o sistema nervoso..." Por favor: há partidos de esquerda que querem despenalizar o consumo de drogas leves mas antes de tomarem essa decisão reflectam bem nas consequências danosas que isso pode provocar... Salas de chuto? Coffee shops? Então e essas? Bem: essas também não aprovo. Qualquer dia temos em cada cidade um paraíso para "drogados", o que naturalmente aumentará a delinquência e a criminalidade, até mesmo de adolescente e pré-adolescentes... Voçês, que têm a faca e o queijo na mão, tenham o cuidado de não aprovar medidas que só piorarão as coisas... Os polícias e os políticos têm aquí um papel importantíssimo. É a eles que eu gostava que chegassem estas minhas poucas humildes frases... Eu não sou tóxico-dependente por um triz mas já deu para ver que as drogas arrasam por completo a vida de uma pessoa e que mesmo em pequenas quantidades deixam marcas profundas num indivíduo para o resto da vida... Quem me dera a mim ter a cabeça que tinha antes de as fumar...

Graças a Deus, que ainda me resta algum setido crítico para usar o português e falar do meu caso... Um caso de alguém que sabe que a luta contra o consumo e tráfico de droga não só deve continuar como também deve ser intensificado. Eu não digo que a polícia trabalha mal. Até é de louvar que ainda há alguém consciente que não tem medo de cumprir a legislação. Só temo que um dia essa legislação possa mudar para pior... É só por isso é que eu gostava todos os políticos lessem esta mensagem. Obrigado pela atenção e continuem a ajudar os que ainda têm um futuro...»

«Habitoo numa zona de escolas, 1º e 2º ciclos, escolas frequentadas por quase 700 crianças com idades desde os 10 anos até aos 18 anos e por incrível que pareça existem nesta zona nada mais nada menos do que 12 cafés, com alvarás passados pela autarquia. Não existe só o problema da droga, também há problemas de alcoolismo, já por mais de uma vez foram detectados casos de alcoolemia nas aulas matinais, já houve mesmo um caso de coma alcoólica, e ninguém, principalmente a autarquia, faz nada por estes jovens.»

«eu acho que o combate a toxicodependência devia ser feita de duas maneiras. As drogas leves deviam ser liberalizadas (nomeadamente a cannabis):

- sou consumidor esporádico há cerca de 10 anos, passo dias sem fumar e não sinto dependência física (talvez uma alteração de humor)

- iria permitir uma separação das comunidades. Acontece que quem orienta um charro também orienta um chuto, ou sabe como orientar. Pode um dia sempre acontecer : - não tenho broas mas posso fumar um risco contigo.

- iria permitir uma diminuição do tráfego, um aumento da qualidade do produto e da qualidade de vida
Em relação às drogas duras a minha única opinião é de que a repressão não resulta. Se a polícia apanha 10 kilos e porque deixou passar 100. Os grandes traficantes são sempre safos mesmo quando são apanhados com a boca na botija (eu sou da marinha grande e lá temos bons exemplos de fortunas feitas à custa da desgraça alheia, que toda a gente conhece, pois alguns até já tiveram presos, mas, vende-se uma loja ali, um apartamento acolá, ou mesmo umas férias mais demoradas no Brasil e o problema fica sempre resolvido). Assim temos as prisões cheias de toxicodependentes que "roubaram a mãe" para matar o vício. Depois temos as casas de desabilitação da toxicodependência que primeiro procuram saber se o desgraçado tem direito a apoios do estado e só depois se pronunciam.
um bem haja.»

«como estudante e como consumidor de drogas leves, penso que o melhor caminho, para acabar com alguma da criminalidade e tráfico ilícito, seria a legalização das drogas leves! pois o Estado passaria a controlar os locais de consumo e a qualidade das drogas vendidas! Obviamente que devem continuar os programas de dissuasão e de informação, Mas penso que o consumo de drogas leves é um factor de

discriminação social que deveria acabar, Para além de (verdade seja) ser um mercado em crescimento e o estado poderia retirar alguns lucros para tapar os "buracos nas estradas".»

«Venho por este meio expressar o meu desagrado pela despenalização do consumo, na minha opinião somente favoreceu os "traficantes" e fez com que os consumidores deixassem de consumir às escondidas com medo da Polícia e passassem a fazê-lo desconprometidamente em vários locais públicos. Não é muito agradável estar sentado num jardim e ser incomodado com o cheiro de haxixe dos indivíduos que estão ao lado. Estar numa discoteca ou num bar ou mesmo na rua e ser submetido à inconsciência dos ditos "consumidores". Ou ser interpelado em pleno coração da cidade (Rua Augusta, na Baixa Lisboeta) por indivíduos a tentarem vender haxixe. E pergunto eu: será que tenho o direito de viver num país sem isto? e um dia mais tarde o que irá acontecer com os meus filhos? Poderão ser interpelados por indivíduos como estes? Espero que a liberalização das "drogas leves", não venha a ser aprovada, nunca. Pois, na nossa sociedade e pelo exemplo que tenho da mera despenalização e das alterações por si provocadas, a liberalização só iria estimular o consumo e consequentemente o tráfico de estupefacientes. Por fim quero, deixar a minha palavra de apreço por existir um espaço onde possamos deixar a nossa opinião.»

«Sou um recém licenciado em [...] e quadro de uma empresa do ramo [...]. Usei drogas durante mais de 12 anos, sendo a minha droga de escolha a heroína. Considero-me doente de uma doença chamada adicção da qual padeço desde que me conheço e da qual padecerei até ao final dos meus dias. A única diferença é que interrompi o meu uso de qualquer tipo de substância incluindo o álcool à 9 anos, tendo entrado em recuperação através do programa dos 12 passos que conheci frequentando as reuniões de Narcóticos Anónimos.

Assim, a perspectiva que tenho das políticas/estratégias de "ombate à droga"(metáforas uerreiras como esta não ajudam muito) só pode ser influenciada pela minha experiência pessoal. Quando à prevenção considero que estão no bom caminho, já no que respeita ao tratamento continuam errados desde a base. Se, de uma vez por todas, aceitarem o que OMS declarou há décadas, e encararem a toxicodependência como uma doença crónica, progressiva e potencialmente fatal, verão como é ridículo procurarem relações causais como aquelas que estão presente no questionário que acabei de preencher. É evidente que não acredito que se possa explicar ou combater a toxicodependência enquanto se acreditar que ela pode ter na sua origem factores como o desemprego, a exclusão, a pobreza etc. O contrário é muito mais verdadeiro, o uso de drogas leva ao desemprego, à exclusão e à pobreza não só material.

Este é só um exemplo do tudo que vai mal na definição das políticas para o sector. É por demais obvio que quem as define está muito longe da realidade e logo está votado ao fracasso. Através dos anos a praticar serviço voluntário de informação sobre a solução que vaticino, que resultou comigo e que resulta com milhares de adictos por todo o mundo, tenho encontrado um pouco de tudo. Se por um lado tive o prazer de deparar e trabalhar lado a lado com profissionais que há muito compreenderam a sua impotência perante uma realidade que os ultrapassa e aceitam humildemente que a ajuda complementar

que oferecem as organizações não lucrativas de adictos em recuperação, encontrei por outro lado a soberba e a arrogante atitude de profissionais que, sem poderem contar com um único caso de comprovado sucesso no seu curriculum continuam a ignorar a importância da participação de adictos recuperados no processo de recuperação de adictos no activo.

Os erros de avaliação face à realidade são inúmeros. Estes erros estão a ser cometidos desde muito cedo e começam na formação dos técnicos. Em última análise estes erros traduzem-se em políticas erradas e desajustadas incapazes de resolverem os problemas.

As falácias são muitas e começam dos chamados programas de redução de danos, que mais não são do que campanhas de adiamento dos danos, com a agravante de estarem a prolongar o estado de adicção activa através da administração legal de uma droga tão poderosa quanto a metadona.

Não acredito em qualquer política que tenha a veleidade de achar que pode estar a reduzir danos dando a possibilidade de adictos acederem a drogas livremente. Considero esta opção um crime que está a custar muitas vidas. Todos os que contactam no terreno com adictos no activo sabem que estes fazem tudo para usar drogas e quantas mais melhor. Um adicto sabe exactamente tudo o que tem de fazer para fazer um técnico acreditar que reúne as condições para aceder a uma programa deste género. Ele sabe como fazer para tomar metadona e continuar a tomar outras drogas e nunca parar de roubar.

Enfim, para resumir, acho que enquanto os profissionais envolvidos continuaram a recusar a participação de adictos recuperados e devidamente formados nas equipas de trabalho que estão a trabalhar na definição das políticas estão a desperdiçar uma oportunidade de melhor compreenderem a realidade com que tem que lidar.

Infelizmente os centros de tratamento privados que usam o programa de 12 passos de NA não tem ajudado nada a credibilização da perspectiva que defendo. Os objectivos lucrativos dos donos desses centros tem hipotecado o reconhecimento da importância das contribuições dos adictos em recuperação nos processos de recuperação de outros adictos e a sua possível integração a outros níveis desta problemática.

Francamente, acho que se assim continuarem só vão conseguir convencer-vos a vós próprios.»

«Da minha experiência profissional, enquanto responsável de nível médio da PSP, que lida de perto e com sentido profissional com esta problemática, verifico o seguinte (opinião meramente pessoal):

- a descriminalização foi entendida, principalmente pelos adolescentes, como uma despenalização completa, levando a que cheguem a consumir perante agentes policiais e estranhem/critiquem a consequente intervenção;
- a medida foi descontextualizada, ou seja, não foi acompanhada de outras, pelo menos de forma correspondente, que permitissem tivesse o efeito desejado (campanhas fortes de informação, ferramentas efectivas no controle, ...)
- as CDT, no seguimento do que referi anteriormente, não foram dotadas ds necessárias ferramentas legais que permitissem uma acção mais efectiva;
- as campanhas de informação nas escolas e junto da comunidade (pais, professores, técnicos), que envolvam as entidades envolvidas na prevenção e combate (especialmente IDT, PSP, GNR, CDT e CAT),

em verdadeira parceria, são praticamente inexistentes. Há muitas intervenções, mas isoladas, por "quintas", por vezes em sobreposição e até em contradição;

- o combate ao tráfico ficou seriamente prejudicado com esta medida, por cortar significativamente o acesso às fontes de informação privilegiada (um consumidor não colabora com as autoridades se sentir que é impune, o seu receio para com o traficante é superior ao respeito pela lei e as autoridades).

As estruturas locais, baseadas em verdadeiras parcerias, são fundamentais e podem desenvolver uma aproximação tão fantástica quanto desejada com a comunidade, através de acções de informação nas escolas, com alunos, técnicos, pais. É necessário juntar as instituições, fazê-las trabalhar em conjunto no terreno.

O caminho é a prevenção, através da educação dos jovens e das suas famílias.

Desculpem o desabafo, mas estou seriamente preocupado. Dou os parabéns pela iniciativa, embora me pareça que pudese ter ido um pouco mais longe, auscultando por exemplo, de forma mais técnica, os profissionais que intervêm nesta problemática.»